



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFLEXÕES SOBRE AFETIVIDADE X SEXUALIDADE COMPREENSÕES E DIÁLOGOS NA ESCOLA

FERREIRA, Michelly de Carvalho¹
SIMÕES, Alexsandra do Nascimento²
chellyjm@yahoo.com.br¹
alexsandrasimoes20@gmail.com²

RESUMO

Este artigo aborda a sexualidade e a afetividade, investigando adolescentes, discutindo as questões que tangem ao tema e observando as experiências, dúvidas, descobertas, curiosidades e concepções dos mesmos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, desenvolvida através de observação e aplicação de questionário, com questões norteadoras sobre o conteúdo e, ao mesmo tempo, como uma espécie de entrevista realizada na E.E.E.F.M Eng^a. Márcia Guedes A. de Carvalho, município de Belém-PB. Os dados foram analisados em forma de gráficos e, de acordo com a análise, é perceptível a falta de conhecimento de muitos, como também visões distorcidas e errôneas sobre o tema; outros que demonstram ter vivenciado histórias pessoais negativas, a busca pela aceitação e autoconhecimento, a falta de diálogo na relação familiar e, conseqüentemente, uma aprendizagem adquirida de qualquer jeito, chegando às primeiras experiências relativas ao sexo imaturamente, também sendo ato praticado de qualquer forma. Por isso, a escola é um espaço que deve estar aberto à troca dessas informações, orientando os alunos sobre a educação sexual.

Palavras-Chave: Afetividade, Sexualidade, Educação Sexual.

ABSTRACT

This article discusses sexuality and affection, investigating teens, discussing issues that concern the subject and observing the experiences, doubts, discoveries, trivia and conceptions of them. It is a qualitative and quantitative research, developed through observation and questionnaire application, with guiding questions about the content and at the same time being an interview form held in E.E.E.F.M Engenheira Marcia A. Guedes de Carvalho, in Belém-PB. Data were analyzed in the form of graphs, according to the analysis, it is

Licenciada em Biologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Especialista em Ciências Ambientais e Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Professora de Biologia do Sistema Estadual de Educação da Paraíba.

² Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Campus Cuité – Centro de Educação e Saúde. Professora de Biologia do Sistema Estadual de Educação da Paraíba.



noticeable the lack of knowledge of many, distorted and erroneous views on the subject, others showing have experienced negative personal stories, the search for self-knowledge and acceptance, lack dialog in the family relationship and consequently an acquired learning anyway, reaching the first experiences related to sex immaturely also being action taken anyway. Therefore, the school is a space that should be open to exchanging information, counseling students on sex education.

Key Words: Affection, sexuality, sexual education.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, que teve como público alvo adolescentes do ensino fundamental e médio, trata sobre a afetividade X sexualidade, investigando-os no que diz respeito à forma como lidam com seus afetos, atingindo diretamente a sexualidade. Tudo isso a partir de discussões da temática, embasando a concepções teóricas e relacionando as próprias descobertas no cotidiano, analisando os relacionamentos, a relação familiar e as inter-relações pessoais. Pensamos, o quanto se faz necessário pesquisar sobre essas áreas, até pela forma como as mesmas são vistas ou interpretadas, comparadas a verdadeiros “*campos minados*”, ou seja; como terrenos ou espaços que não deveriam ser questionados e muito menos invadidos. A pesquisa se deu em uma escola da rede estadual do município de Belém, localizada no Estado da Paraíba, tendo como objetivo geral, compreender determinados comportamentos expressos pelos adolescentes. O instrumento para a execução deste trabalho ocorreu por meio da coleta de dados, através da aplicação de um questionário e diálogos, analisados sob as fundamentações da educação sexual.

Para tanto, escolhemos desenvolver uma pesquisa qualitativa e quantitativa, observando as experiências, valores, posicionamentos e relações, a fim de estudar comportamentos e opiniões, mediante os dados analisados, colaborando em meio às



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

discussões, não pensando diretamente em quantificar dados, mas refletindo e gerando significados.

Primeiro seguiremos com concepções teóricas, a partir de informações que nos ajudarão a refletir sobre nossos jovens na atualidade. Principalmente pela forma que expressam certas ideias e como tratam do sexo e sexualidade, revelando aspectos distorcidos, como também apresentam curiosidades, e dificuldades diante dessas informações, muitas vezes “aprendidas” com outros colegas em bate papo. Deixando ainda, a família a parte, deixando o diálogo comprometido, perdendo a harmonia da convivência familiar. Mas em síntese, entendemos que em meio a essa fase própria de inúmeras alterações físicas e psicológicas, o adolescente apresenta-se instigado aos desafios, buscando uma identidade, ideologias e meios que possam lhe proporcionar autoestima, aceitação e prazer. Por isso, defendemos o espaço pertinente ao diálogo, gerando a abertura do indivíduo e criando laços de confiança, quebrando determinados bloqueios ou dificuldades de falar e conversar, inclusive em família, sobre determinados assuntos.

1. A Gênese do Sexo

A palavra *sexo*, de acordo com o Dicionário Novo Aurélio, originária do latim *sexu*, consiste na “conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas”. Diz respeito, portanto, aos aspectos biológicos apenas. Podemos entender, então, que sexo é diferente de sexualidade.

O Sexo nos confunde, não só por estar literalmente relacionado com a mistura de dois seres distintamente diferentes, abrindo-nos uns para os outros da maneira mais profunda. Isto, para os seres que se relacionam de forma sexuada, voltado para o ato da reprodução.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Segundo FOUCAULT (1998), o termo sexualidade surgiu no século XIX, marcando algo diferente do que apenas um remanejamento de vocabulário. O uso desta palavra é estabelecido em relação a outros fenômenos, como o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos; a instauração de um conjunto de regras e de normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, desejos, prazeres, sentimento, sensações e sonhos.

Para FOUCAULT (1997), sexualidade é o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne globalmente como espécie humana. Está inserida entre as “disciplinas do corpo” e participa da “regulação das populações”. Sendo um “negócio de Estado”, tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública.

De fato falar em sexualidade, é o mesmo que se referir a algo particular que caracteriza cada indivíduo, envolvendo as áreas dos relacionamentos que se tem e como estes lidam com a personalidade, moral, sentimentos e envolvimentos pessoais.

Para Nunes (2005), a sexualidade se encontra envolta de um feixe de valores morais, determinados e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais que dizem respeito a mais de uma pessoa. Daí o seu caráter social explosivo.

Fazendo uma distinção destes conhecimentos, vamos ter as áreas da (anatomia e fisiologia), que vão nortear esclarecimentos a cerca da formação natural e biológica que cada ser traz consigo, em suas funções e atividades. No entanto, a sexualidade, se refere ao “mundo de valores” que cada sujeito adota ou vive, traduzindo a vida social.

Tudo isso, refletem-se nos valores, comportamentos, linguagens, modo de vestir, músicas, filmes e nas formas de relacionamento.

2. A Afetividade

É por meio da afetividade que formamos nossos laços, ou seja, construímos vínculos tornando-nos mais felizes, pois através de relações sadias, naturalmente com



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

equilíbrio, nossa personalidade e identidade, demonstra um sujeito independente se reconhecendo e aceitando mutuamente, possuindo autoconhecimento e sendo livre.

Nesse sentido, CAPELATTO (2001), orienta aos pais, no contexto de ser família, que é preciso diante dos filhos, “dá asas e raízes”.

Ele quis dizer em sua comparação, que semelhante às raízes das plantas, que do solo extraem nutrientes, sendo, portanto seu alimento e ainda adquirem sustentação, ou seja, daquele lugar de sua origem se tem apoio, segurança para não cair, mas dali se firmar, equilibrar. Quanto às asas, podem ser parte do corpo de um animal ou partes de objetos como um avião, o que as tornam símbolo de liberdade. Através desse simples exemplo, temos a relação de família, que busca na educação de seus filhos transmitirem uma referência, desde a formação primeira, do nascimento ao crescimento.

Tentando ensinar aos filhos, que na hora oportuna, é preciso tomar decisões sozinho, seguindo adiante até encontrar um caminho. Entendendo que é preciso dar passos, prosseguir e ir além, mas convicto do lugar onde sempre encontrará apoio e segurança. Simplesmente “voar, mas com os pés sempre no chão”.

É evidente que as mudanças nas formas de educar e do trato mútuo entre pais e filhos são um sinal inequívoco das mudanças ocorridas na sociedade em relação ao uso e à aceitação (ou rejeição) de todas as formas concretas de usar (ou abusar) da autoridade. Com efeito, o alvo não era negar a autoridade, mas questionar e controlar seu uso. (DAUNIS, 2000)

A relação entre pais e filhos, no contexto família, é bem real que vem sofrendo diversas mudanças, isso desde a formação de um lar tradicional (pai, mãe e filhos), como nos casos em que a mãe ou o pai assume os dois papéis (pai e mãe) e ainda, quando existem outros ‘parentes’, meio irmão, enteados, padrastos ou madrastas. Toda essa estrutura também vai influenciar numa nova cultura de educação e essa autoridade, às vezes pode ser interpretada de modo diferente.

Independente do modelo de família, a questão é a forma como essa autoridade e aceitação se relacionam, pedindo a devida imposição quando necessária, educando e



não o uso exacerbado desta, como medida de controle total, a ponto de gerar autoritarismos.

3. A Pesquisa Aplicada na Escola

Na intenção de atender aos anseios da pesquisa, foi aplicado um questionário, respondido por 127 alunos, sendo 61,4% na faixa etária entre 13 e 15 anos de idade, e partir de 16 a 18 anos, totalizando 38,6%. Entrevistando os alunos do 9º Ano A e 9º Ano B do Ensino Fundamental II e as turmas do 1º Ano A/ B e C do Ensino Médio do turno matutino, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engª. Márcia Guedes A. de Carvalho.

Para o encaminhamento da pesquisa, foi adotado o método quantitativo e qualitativo, pois de acordo com Boente e Braga (2004) levam como base de seu delineamento as questões ou problemas específicos. Adotando tanto em um quanto em outro, a utilização de questionários e entrevistas.

Segundo RICHARDSON (1989), este método caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas.

Isso nos faz compreender que o método quantitativo se encarrega de estudar o desenvolvimento da pesquisa, a base da coleta de dados, principalmente ligada aos valores estatísticos, enquanto o qualitativo está inserido dentro das observações a serem feitas, porém de forma mais discreta, como analisando as partes do objeto de estudo da pesquisa.

Então da junção entre o método quantitativo e qualitativo, possibilitou a interpretação da coleta de dados, fazendo uma análise dos resultados e chegando a conclusões, de uma forma geral dos estudantes entrevistados.

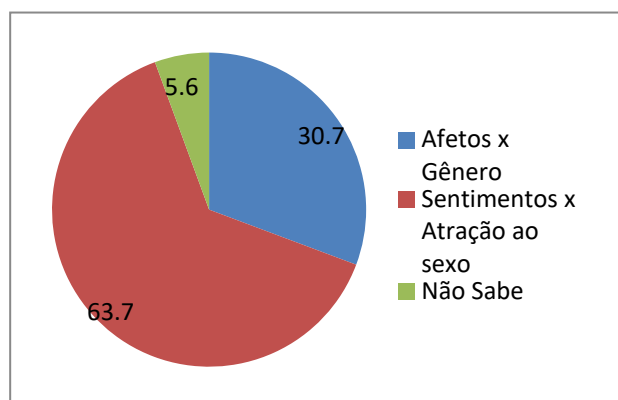
Afetividade X Sexualidade

A principal intenção desse tema, é investigar as concepções ou definições de como os adolescentes veem a afetividade e sexualidade no trajeto de suas vidas.

É refletindo acerca dessas informações que Moizés e Bueno (2010) comentaram: “são gerações diferentes, sinalizando relações de fechamento – abertura frente ao discurso do sexo. A educação sexual estimula a troca de ideias e possibilita mudanças nas relações sociais, superando, assim, os machismos, preconceitos e concepções”.

O fato é que nossas crianças e adolescentes precisam de orientação adequada, para equilibradamente saber lidar com as situações diárias e amadurecer de forma sábia e sadamente.

Figura 1- Concepções sobre a Afetividade X Sexualidade



FONTE: As autoras, a partir de dados coletados *in loco*, 2015.

Fazendo a análise do gráfico 1, podemos perceber que o tema abordado segundo os alunos, 63,7% entendem que falar de afetividade X sexualidade, se refere aos sentimentos que são despertados e ainda a atração direta ao sexo. Enquanto 30,7% mencionaram que existe uma relação entre a troca afetiva X o gênero pelo qual existe esse afeto. E um número de 5,6%, não quiseram se posicionar quanto ao assunto em questão.

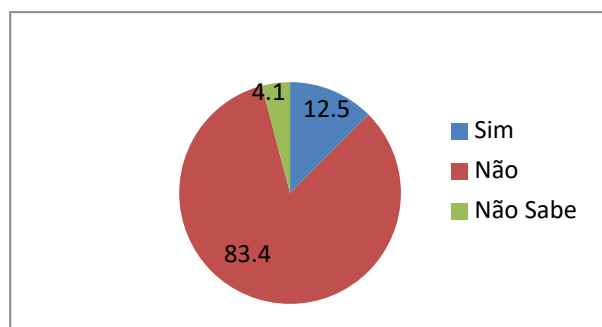
Fatos na História de Vida

Muitas pessoas são “marcadas” em seus afetos e na maioria dos casos, podem ter ocorrido nesse processo de descobertas, relacionamentos e ainda dentro do próprio lar, com históricos desagradáveis de famílias desestruturadas.

Para COLAÇO (1993), a família é, sem dúvida, o sistema natural importante na vida dos indivíduos, espaço privilegiado de suprimento de necessidades básicas, de mediação entre o indivíduo e o meio.

Isso nos faz pontuar que, onde existe um lar harmonioso, possivelmente há equilíbrios, diferente de realidades contrárias, limitando a paz e gerando conflitos.

Figura 2 – Recordação de Fatos que Marcaram a História de Vida



FONTE: As autoras, a partir de dados coletados *in loco*, 2015.

Observando o gráfico 2, buscamos descobrir se em algum momento desde a infância ou no período vivido pela adolescência, haviam sofrido ou experimentado algo negativo ou ruim em relação aos sentimentos afetivos, que porventura tivesse marcado, trazendo consequências difíceis ou lembranças ruins em suas vidas. Então mediante ao tema abordado, 83,4%, disseram não ter passado por tais situações, já outros 12,5% afirmaram que sim e os 4,1% restantes, não opinaram sobre o assunto.

Conhecer a si mesmo

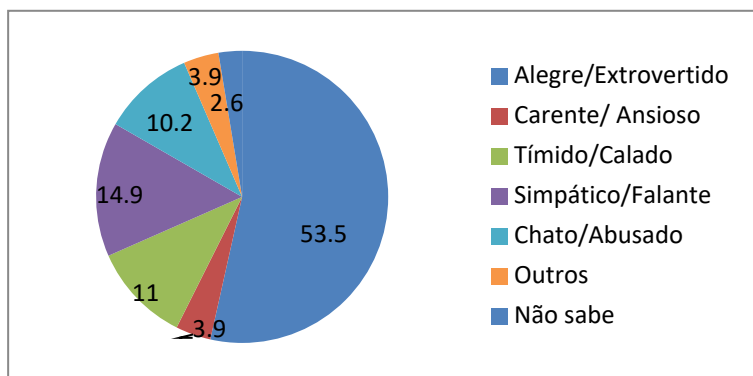
Aparentemente parece simples, mas se conhecer e a partir daí aceitar quem de fato sou, nem sempre é fácil de assumir ou encarar tal identidade, gerando conflitos e limites na socialização.

Os jovens revelam sinais de identidades que remetem ao sensível, ao corpóreo, à expressividade cultural e estética e às sociabilidades que se originam.¹

Notadamente a sensibilidade das juventudes abre lacunas para que diversas influências externas possam mudar a forma de pensar, ser e agir. Revelando esses caracteres no comportamento, desde o jeito de vestir, aparência física e na maneira de se familiarizar ou não, com determinados grupos e ainda levando alguns ao total isolamento, quando não conseguem se enturmar, sendo mais reservado(s).

¹ Extraído do Caderno II – Etapa I da Formação de Professores do Ensino Médio. Secretaria de Educação Básica: O jovem como sujeito do ensino médio.

Figura 3 – Autoconhecimento



FONTE: As autoras, a partir de dados coletados *in loco*, 2015.

Através do gráfico 3, tentamos compreender como cada adolescente se conhece ou como de fato eles se aceitam e de alguma forma, se definem. Um número de 53,5%, disseram que se reconhecem como sendo alegres e extrovertidos, outros 3,9% afirmaram ser carentes e ansiosos, outros 11% se consideram tímidos e por esse motivo, mais calados, outros 14,9% se definem como simpáticos e muito falantes, outros 10,2% se aceitam como chatos e abusados, outros 3,9% se descreveram com outros adjetivos e ainda 2,6% não quiseram fazer comentários.

Pais e Filhos: Relacionamento em Família

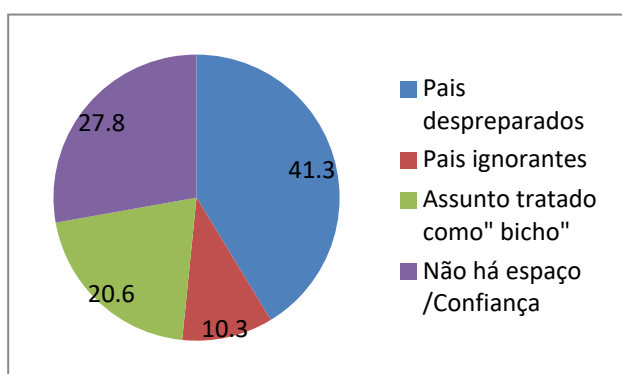
Quando pensamos atualmente no contexto família, essa base formativa, como coluna base, pode fortalecer, unir, compreender e fazer crescer o outro. Porém, com as modificações conjugais, o nível econômico e o planejamento familiar, trouxeram afastamentos e menos aproximação, em virtude de espaço X tempo para a devida assistência da família.

Diante da construção familiar e do respeito às relações entre pais e filhos, esse padrão também se modificou, não sendo mais baseado na imposição da autoridade e sim na valorização de um relacionamento aberto, pautado na possibilidade de diálogo. (LISBOA, 1987)

Dessa forma, é considerado um elemento importante dentro do contexto familiar, principalmente, no que se refere à convivência entre os membros da família (Wagner, Ribeiro, Arteché & Bornholdt, 1999).

De fato, o diálogo é uma via de acesso que pode mudar e transformar inúmeras realidades, porém hoje parece mais uma “possibilidade” a realmente ser um ingrediente adicionado, sendo, portanto indispensável nessa relação.

Figura 4 – Convivência em Família



FONTE: As autoras, a partir de dados coletados *in loco*, 2015.

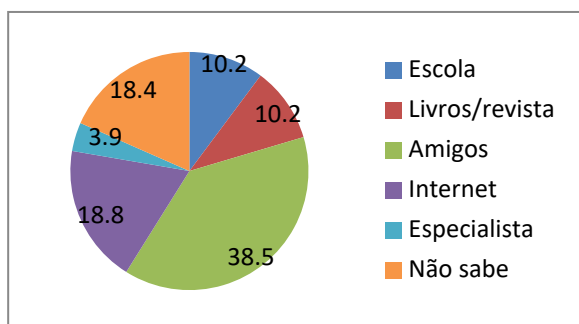
Verificando os dados e informações do gráfico 4, tratando do assunto convivência em família, na perspectiva de entender como ocorre o diálogo dentro dessa rotina do lar, 41,3% mencionaram que os pais são despreparados e não dá para conversar com eles, outros 10,3% consideram os pais muito ignorantes para conseguir um papo aberto, 20,6% completaram dizendo que falar principalmente sobre sexualidade é mesmo que criar um “bicho”, só traz confusão e ainda 27,8% disseram que não sentem um espaço que possam prevalecer a confiança.

A Aprendizagem e Meios de Informação sobre Sexualidade

A intenção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) em tratar sobre a Orientação Sexual se faz interessante em preocupar-se com o âmbito escolar, pois em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, pensado a ser seguido de forma transversal, abre espaços que possibilitam trabalhos ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes. (PCN's 2000).

Acerca dos números de gravidez na adolescência, contaminação do vírus HIV e das diversas doenças sexualmente transmissíveis (DST's), que a escola deve promover espaços de interação e troca de conhecimentos, aproveitando as propostas oriundas dos próprios PCN's.

Figura 5 – Aprendizagem: Meio de Informação



FONTE: As autoras, a partir de dados coletados *in loco*, 2015.

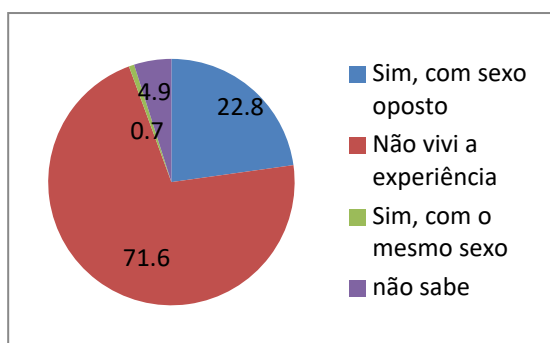
Como a grande maioria disse não haver uma troca ou seja; um diálogo em família, o gráfico 5 vem apresentar as fontes ou melhor, os lugares onde adquirem esclarecimentos e trocam ideias. Então, 10,2% disseram trocar informações na escola, outros 10,2% citaram os livros e revistas como informativos, outros 3,9% disseram procurar um profissional a exemplo de um médico, especialista no assunto, outros 18,8% comentaram a internet como recurso para dúvidas, outros 38,5% disseram procurar os amigos e apenas 18,4%, preferiram não comentar.

A Experiência Sexual dos Adolescentes

Há crianças e adolescentes que perguntam muito, outras nada interrogam e outras, ainda, precisam de um ambiente encorajador para levantar questões. Todos devem ser considerados, são “seres sexuais”, portanto devem ter acesso a material informativo e dispor de bibliografia adequada à idade em que se encontram. Nesse sentido, a escola precisa assumir o trabalho de educação sexual, mas não para repreendê-la e sim para mudar visões distorcidas ou negadas da sexualidade, sem, contudo, substituir a família (MOIZÉS E BUENO, 2010).

Não importa a idade, porque mesmo criança, vão apresentar alguns questionamentos e o adolescente mais ainda, pois nessa fase, já mais enturmados, envolvidos no meio social e se identificando com grupos e tribos. Por isso, escola e família, devem desempenhar um papel informativo, unidos, oferecendo conhecimentos de forma adequada, com uma linguagem ideal para cada fase, adquirindo a confiança deles.

Figura 6 – Relação Sexual



FONTE: As autoras, a partir de dados coletados *in loco*, 2015.

O gráfico 6, traz informações particulares acerca dos entrevistados terem se relacionado sexualmente e a forma como foi essa(s) experiência(s). Um número de 71,6% disseram não vivenciar a experiência sexual, outros 0,7% afirmaram conhecer o sexo em sua prática e no caso, com o contato do mesmo sexo, outros 22,8% também afirmaram ter vivido a experiência prática do ato sexual, mas com o sexo oposto e 4,9% disseram não saber nada sobre o assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre a educação sexual é fundamental, principalmente no meio escolar, tão situado por crianças, adolescentes, jovens e até adultos, posto que seja especificamente uma área que se preocupa com o caráter formativo.

Mediante a metodologia desenvolvida neste trabalho, observando a pesquisa, podemos perceber que muitos alunos trazem concepções sobre a afetividade e sexualidade “aparentemente corretas” e outros apresentam o inverso. Ainda outros, já passaram por fatos ou histórias que foram “marcando” suas vidas afetivas e também a maioria conseguiram fazer uma leitura pessoal de si mesmo, partindo da aceitação. Mas outro aspecto relevante foi à convivência em família, infelizmente muitos, disseram não ter abertura, confiança, comprometendo o diálogo em família e de forma bem geral, a fonte de aprendizagem deles parte das rodas de amigos, internet e na escola. Quanto à vida ativa sexual, muitos disseram não ter experimentado ainda, mas alguns declararam ter vivenciado, tornando então preocupante, pois fica os questionamentos de como se deu ou tem ocorrido essas relações no cotidiano deles.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Por isso, como se apresenta as propostas dos PCN's, a escola deve despertar para conversar de forma aberta, convocando a família e movendo ações e parcerias até com outras secretarias, como a da saúde, para poder desenvolver um trabalho positivo, visando conquistar os educandos, informar e educar para o convívio social.

REFERÊNCIAS

BOENTE, Alfredo; BRAGA, Gláucia. Metodologia científica contemporânea. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 2000.

_____. Secretaria de Educação Básica. Formação de Professores do Ensino Médio, Etapa I - caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. 69p. : il.

CAPELATTO, Ivan. Diálogos sobre Afetividade. Ed. Papirus. 3ª Ed, 2001.

COLAÇO. N. Sistema familiar e suas disfunções. Revista Infância e Juventude. Revista da Direção-Geral dos Serviços Tutelares de Menores. 1993.

DAUNIS, Roberto. Jovens: Desenvolvimento e identidade – Troca de Perspectiva na Psicologia da Educação. Ed. Sinodal. São Leopoldo-RS, 2000.

DICIONÁRIO NOVO AURÉLIO. Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em 10 de Julho de 2015.

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade 1: a vontade de saber. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres. 8. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LISBOA, M. R. A. A sagrada família: a questão do gênero em famílias católicas. Dissertação de Mestrado Não Publicada, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.

MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion. O Que É Sexo? Rio de Janeiro, 2002.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

NUNES, César Aparecido. Desvendando a Sexualidade. 7ª ed. Papirus. Campinas-SP, 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

WAGNER, A., RIBEIRO, L., Arteche, A. & Bornholdi, E. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. Psicologia: Reflexão e Crítica, 12(1), 147-156, 1999.